

tidades eram administradas pelas religiosas da Congregação de Santo Antonio, o que mostra também uma convivência pacífica entre juristas e religiosos.

O ofício do historiador exige que se trabalhe criticamente com as fontes: não podemos tomá-las como a exata expressão dos fatos ou intenções existentes. Autores como E. P. Thompson e Jacques Le Goff nos ensinam que devemos analisar os documentos enquanto produtos da sociedade, das relações de força existentes, para que possamos de fato recuperá-los com pleno conhecimento de causa. Sem essa crítica documental, as fontes podem se tornar um simples referendo de referenciais teóricos, transformando os conceitos em categorias estáticas, anacrônicas.

*Moysés Kuhlmann Júnior*

### **CONSTRUTIVISMO DE PIAGET A EMILIA FERREIRO**

Maria da Graça Azenha

São Paulo: Editora Ática, 1993. Série Princípios. 112 p.

O livro de Maria da Graça Azenha tem como objetivo organizar conhecimentos básicos do Construtivismo piagetiano que permitam ao leitor "analisar as contribuições dessa abordagem para os estudos teóricos da alfabetização".

Os capítulos iniciais estão dedicados à compreensão da trajetória da pesquisa empreendida pelo biólogo suíço, entrelaçada esta com sua biografia, de modo a se perceber a origem de seus interesses, e as indagações que o orientaram para as diferentes áreas de estudo que compõem a base interdisciplinar do seu trabalho.

A autora descreve ainda a busca empreendida por Piaget para chegar à definição de um campo de observação e experimentação capaz de alterar os pro-

cedimentos então existentes na coleta de dados. Apresenta, assim, a origem do seu método clínico, que desenvolveu e aperfeiçoou visando ao conhecimento e descrição do processo do desenvolvimento intelectual. Desse modo, a autora vai tecendo as bases para a posterior compreensão dos estudos de Emilia Ferreiro, que, a partir do método piagetiano, demonstrou ser possível perceber e acompanhar o processo da aquisição da escrita pelas crianças.

Ainda nesses capítulos dedicados à compreensão da teoria piagetiana, a autora apresenta as principais produções de cada década e o resultado das investigações que o pesquisador publicou para constituir a sua *epistemologia genética*. Dos anos 70, Azenha sintetiza os estudos de Piaget sobre a equilíbrio e seus mecanismos constitutivos, através do que explicita a evolução do desenvolvimento cognitivo e a formação dos estágios. A autora também apresenta as correntes do Empirismo e Pré-Formismo e as divergências com o Construtivismo.

Reunindo o essencial da teoria piagetiana, nesses capítulos iniciais, Azenha introduz questões da prática de sala de aula, de modo a responder indagações dos professores, provavelmente usando sua experiência em encontros com os mesmos, de modo que os assuntos "esquema", "processos de equilíbrio" e "invariantes funcionais", especialmente tratados pela autora, fornecem aos professores pistas sobre as dificuldades que seus alunos apresentam.

No capítulo 4, continuando sua cronologia, chega aos anos 80. Aí, apresenta Emilia Ferreiro e seu trabalho com Ana Teberosky. Expõe as aplicações dos estudos piagetianos feitas por Ferreiro para demonstrar os processos existentes nos sujeitos para a aquisição da língua escrita. Descreve então o modelo de aquisição em níveis, fases ou períodos, muito divulgado e bastante conhecido dos educadores.

Ao descrever a coleta de dados, os princípios e a metodologia da pesquisa de Emilia Ferreiro, Azenha procura justificar o apoio na Psicolinguística, mostran-

do as alterações sofridas por essa ciência nos anos 60 e as mudanças que foram incorporadas.

Em seguida, relata o contexto e as hipóteses da pesquisa de Ferreiro no livro *A Psicogênese da Escrita*, e vai comentando as técnicas de ensino tradicionalmente utilizadas na escola e o quanto, segundo a psicopedagoga mexicana, estas se mostram insuficientes para justificar o processo de aprendizagem. Expõe os resultados da pesquisa seguindo uma ordem diferente daquela originalmente utilizada por Ferreiro e Teberosky, com o intuito de ajudar o leitor no seu esforço compreensão. Associa os resultados à produção dos alunos em sala de aula, de forma a mostrar ao alfabetizador a pertinência desse trabalho na sua prática cotidiana.

Os cinco níveis descritos por Ferreiro nas suas relações de semelhanças e oposições e as etapas que as crianças atravessam para compreender a lingua-

gem escrita são ilustradas com produções de crianças brasileiras.

A autora sintetiza as principais contribuições da Psicologia do Desenvolvimento que devem embasar o alfabetizador para que ele possa organizar situações adequadas de aprendizagem e refletir sobre os métodos de ensino. Além disso, apresenta algumas sugestões práticas de conteúdos e estratégias, alertando para interpretações equivocadas que levam à descaracterização do papel do ensino, da escola e do professor.

O livro expõe o contexto teórico necessário para permitir ao alfabetizador exercer o papel de mediador da aprendizagem buscando intervir através de uma metodologia que realmente represente uma escolha.

*Maria Sílvia Bonini Tararam*